

**NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS E DO MANIFESTO DOS PIONEIROS DE 1932:
DIÁLOGOS DE CECÍLIA MEIRELES COM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**
On the pages of the Diário de Notícias and the Manifest of the Pioneers from 1932: Dialogues between Cecília Meireles and the History of Brazilian Education

Regina Lúcia da Silva Nascimento¹
Selva Guimarães²

RESUMO

O presente artigo versa sobre os diálogos de Cecília Meireles com a história da educação brasileira, por meio de sua produção cronística veiculada em uma coluna intitulada “Página de Educação”, do *Diário de Notícias*, importante jornal do Rio de Janeiro, por ocasião do governo provisório de Getúlio Vargas. Além dessa atividade da educadora e jornalista, registra-se também a sua participação como signatária do *Manifesto dos Pioneiros da Nova Educação*, um documento redigido por Fernando de Azevedo que tematizava sobre a renovação educacional brasileira, publicado em 19 de março de 1932, após a realização da IV Conferência Nacional de Educação em 1931.

Palavras-chave: História da Educação. Cecília Meireles. Imprensa. Manifesto.

ABSTRACT

This article centers on the dialogues Cecília Meireles kept with the History of Brazilian Education through her chronicles published in a newspaper column titled “Página da Educação” in *Diário de Notícias*, an important newspaper from Rio de Janeiro, on the occasion of the provisional government of Getúlio Vargas. Besides her activities as an educator and a journalist, it is important to highlight her participation as one of the signatories of the *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (Manifest of the Pioneers of New Education), a document written by Fernando de Azevedo about the renewal of the Brazilian Education, published on March 19, 1932, after the IV National Conference on Education held in 1931.

Keywords: History of Education. Cecília Meireles. Press. Manifest.

A atuação da imprensa na formação do povo é problema desde muito tempo incluído nas cogitações de todos os que se interessam pelo aperfeiçoamento da vida (MEIRELES, 2003, p. 298).

O Manifesto da Nova Educação fez voltar às vistas dos que o leram para a nossa realidade humana e brasileira. A realidade da nossa inteligência desamparada, do nosso esforço mal conduzido, de todo o nosso futuro comprometido numa aventura social que parece mítica, tanto andamos transviados e ignorantes, em cada um dos nossos elementos (MEIRELES, 2003, p. 280).

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, no âmbito do Programa de Doutorado Interinstitucional estabelecido com a Universidade Federal do Amapá. Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Amapá. E-mail: relusi.nascimento@gmail.com

² Doutora em História pela Universidade de São Paulo, com estágio de pós-doutorado realizado na Universidade Estadual de Campinas. Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.. E-mail: selva@ufu.br

Com esse artigo pretende-se colocar em relevo diálogos que Cecília Meireles manteve com a educação brasileira em sua época. É um texto que advém do contexto de uma pesquisa bibliográfica intitulada *Entre o poético o histórico: interlocuções de Cecília Meireles com a educação brasileira*, que teve como *corpus*, crônicas de educação, as quais foram publicadas pela educadora e jornalista, na *Página de educação*, no período compreendido entre 1930 e 1933, no jornal “Diário de Notícias”.

A pesquisa fundamentou-se num referencial calcado em estudos de pesquisadores que focalizaram questões relacionadas aos contextos educacional, histórico e literário. Para analisar as concepções educacional, histórica e social expressas no gênero eleito pela referida educadora, bem como as contribuições para o debate educacional brasileiro contemporâneo, optou-se pela análise de conteúdo de Laurence Bardin, uma ferramenta metodológica que contempla a descrição, a inferência e a interpretação na construção de significados para as mensagens lidas.

Em 12 junho de 1930, foi lançado pelos jornalistas Orlando Ribeiro Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel, o jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, com uma seção intitulada “Página de Educação” dirigida por Cecília Meireles. Nesse espaço da imprensa, a escritora registrou os seus ideais, as suas concepções de vida, de humanização, de liberdade, de arte, de formação de educando e educador, os quais foram habilmente documentados por meio de sua “pena” ora num tom lírico, ora num tom reflexivo, em ambos, ao mesmo tempo com o intuito de trazer para conhecimento da sociedade algumas reflexões sobre problemáticas que a inquietavam e a desafiavam.

Ao trazer à cena esse propósito, a educadora e jornalista lançou mão da crônica, para defender a sua visão sobre o sistema sócio/político/educativo, principalmente, no período conhecido na historiografia oficial, como “Revolução de 1930” liderada por Getúlio Vargas.

Nesse período houve uma série de transformações que alteraram as relações sociais e de trabalho, o modo de viver e pensar dos indivíduos. Foi o momento em que o “novo” espraiou-se em todas as direções: os meios de comunicação desenvolveram-se e se intensificaram, por meio da utilização do telefone, do telégrafo e do rádio. Os meios de transporte – o trem, o automóvel e o avião serviram para diminuir a distância entre as pessoas e os lugares. Entretanto, curiosamente, todo esse processo de modernização não serviu para eliminar as barreiras sociais e econômicas, mesmo com significativos avanços advindos da promulgação das leis trabalhistas fixando jornada de trabalho, férias, descanso remunerado e aposentadoria.

Os meios de comunicação foram importantes para o desenvolvimento nacional, mas dentre eles, um merece atenção, o rádio, em virtude, particularmente, de os serviços prestados ao governo. Na visão de Roquette-Pinto³, também signatário do Manifesto de 1932, “uma máquina importante para educar o nosso povo”, por isso em parceria com

³ Edgar Roquette Pinto (1884-1954) nasceu no Rio de Janeiro e formou-se em 1905 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Além de médico legista, foi antropólogo, ensaísta, diretor e professor do Museu Nacional e professor do Instituto de Educação e da Faculdade Medicina do Rio de Janeiro.

Henri Morize⁴ criou a primeira rádio brasileira, a “Rádio Sociedade do Rio de Janeiro”, em 1923. Roquette-Pinto assumiu a direção do estabelecimento.

Com o passar do tempo, o rádio tornou-se um veículo de comunicação de massa mais popular e comercial, principalmente no início dos anos 1930, quando Getúlio Vargas autorizou a veiculação de publicidade, a concessão de canais a pessoas e a empresas privadas. Naquela década, ocorreu a massificação da propaganda política. O Estado tinha garantido uma hora diária da programação em todo território nacional para a divulgação do programa oficial do governo, por meio de “A Voz do Brasil”, criada em 1935, por Armando Campos, amigo de infância de Getúlio Vargas, com o intuito de manter a população conhecedora das ideias do presidente e assim, legitimar, apoiar o governo.

Para compreender o papel que a educação desempenhou na elaboração da política de Getúlio Vargas, um fato marcante: a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, por meio do Decreto nº 19.402 de 14 de novembro de 1930, constituído por instituições e repartições desmembradas dos Ministérios da Agricultura e da Justiça e dos Negócios Interiores.

De acordo com Maria Célia Marcondes de Moraes (1992), a criação desse órgão pelo Governo Provisório significou:

o início de um processo no qual o Estado definiu sua competência no campo específico da educação, colocando sob seu poder um indispensável meio de controle e persuasão. Significou também o ponto de partida de um intenso movimento de construção, no Executivo federal – até 1945 – de um aparelho nacional de ensino, com códigos e leis elaborados tendo em vista estabelecer diretrizes, normas de funcionamento e formas de organização para os diversos ramos e níveis de educação no país (MORAES, 1992, p. 293).

Para assumir o novo ministério, foi indicado como titular Francisco Campos, um político mineiro, que implantou uma reforma na educação nacional por meio de uma série de decretos.

Dentre os decretos que nortearam a Reforma de Francisco Campos, um mereceu a atenção de Cecília Meireles: o Decreto nº 19.941 de 30-04-1931, pelo fato de instituir o ensino religioso nas escolas públicas, como matéria facultativa para os alunos, contrariando um dos princípios básicos da Escola Nova: a laicidade, aspecto que a educadora defendeu por acreditar que se tratava de um grande avanço no sistema educacional brasileiro.

Conforme Cecília Meireles, a atitude do ministro Francisco Campos, que um dia pareceu ser adepto da escola moderna, quando exerceu a função de diretor de Instrução de Minas Gerais em 1927, contrariou os propósitos da Revolução de 1930 que derrubou o presidente Washington Luiz e levou ao poder Getúlio Vargas, ao colocar o ensino “nas velhas situações de rotina, de cativo e atraso que aos olhos atônitos do mundo proclamarão, só por si, o formidável fracasso da nossa malograda revolução”.

⁴ Henri Charles Morize ou Henrique Morize (1860-1930), um engenheiro industrial, geógrafo e engenheiro civil francês, naturalizado brasileiro. Morize foi também o primeiro presidente da Academia Brasileira de Ciências.

A educadora assim se pronunciou porque na sua visão “Educação é um problema de liberdade: preparo do homem para se orientar por si. Religião é catequese: subordinação do homem ao interesse de uma seita, ou de um indivíduo. Nem sequer de Deus” (MEIRELES, 2001, p. 162).

Com essas palavras, Cecília Meireles demonstrou a sua reação contra o triunfo do decreto que representou para a Igreja Católica uma forte possibilidade de voltar a exercer o seu poder no cenário político/educacional, papel que havia deixado de executar desde a Proclamação da República.

De fato, a aproximação da Igreja Católica com o Governo de Getúlio Vargas, por meio de um “decreto antipedagógico e antisocial”, segundo Cecília Meireles, provocou um debate violento entre a igreja e os educadores liberais que defendiam princípios básicos da Escola Nova que tanto causavam temor a um grupo de católicos: uma escola pública, laica e gratuita. Conforme Valéria Lamego:

Combater e destruir – foi este o lema que acompanhou Cecília Meireles durante a sua gestão na *Página de Educação*, principalmente a partir de 1931, quando os erros na condução da política pelos revolucionários de 30 se mostraram gritantes, aos olhos dos admiradores da Escola Nova e da democracia liberal (LAMEGO, 1996, pp. 58-59).

Com essa atitude combativa, a jornalista, de forma crítica e consciente, deixou entrever, principalmente, por meio de crônicas “finas e mordazes”, o seu espanto e a sua indignação diante de determinadas situações criadas pelo governo provisório.

Nesse sentido, Cecília Meireles utilizou o jornal como um espaço educativo para combater a presença de Francisco Campos no Ministério de Educação e Saúde Pública, porque na sua visão, a atitude de o ministro não correspondia aos objetivos propostos pelos defensores da renovação educacional, pois:

Se o ministro da Educação tivesse ouvido falar em psicanálise e na influência das emoções da infância sobre a personalidade, ainda que fosse fanático de qualquer credo, não se quereria comprometer tão seriamente com o futuro e com a melhor parte da consciência nacional, que é justamente aquela capaz de acatar todas as crenças em atenção à paz universal, e em não pregar nenhuma nas escolas para não atentar contra a liberdade de pensamento junto às criaturas indefesas como são os alunos, ainda incapazes de reagir contra as forças que os oprimem. Assim também evitaria influir perniciosamente sobre a própria formação biológica da criança e dos adolescentes, obrigados a tratar de assuntos que não lhes são acessíveis, em virtude da desproporcionalidade em que se encontram para com as suas próprias funções orgânicas.

O mal, porém, está cometido, e só resta a esperança de que possa vir a ser reparado com um governo mais coerente com a Revolução, e realmente interessado pelo bem-estar do povo, quer dentro dos limites nacionais, quer na sua projeção fraternal no mundo (MEIRELES, 2001, pp. 16-17).

Essas considerações presentes na crônica *Como se originam as guerras religiosas* publicada em 02.05.1931, revelam a crença de Cecília Meireles em uma educação moderna fundamentada no princípio da evolução biológica, porque a criança não joga com ideias, mas com fatos. Essa posição assumida por Cecília Meireles, conforme Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi (2001) corrobora a defesa de um dos princípios advindos da Escola Nova, feita pela educadora, ou seja, a valorização do educando no processo de ensino e aprendizagem, pelo fato de entender a infância “como idade da vida dotada de particularidades e potencialidades próprias, e defendia-se a compatibilidade entre os processos educativos e as fases de desenvolvimento do indivíduo” (MAGALDI, 2001, p. 135).

Dessa forma, o estudo religioso não teria como atender as exigências da formação da criança como “o atual conceito pedagógico – apoiado em todo enorme trabalho de verificação experimental” e não em “fórmulas abstratas, decoradas em textos religiosos, mas no próprio exemplo que lhe é fornecido diariamente, pelos que a rodeiam na escola, no lar, na vida” na opinião da cronista.

Assim como a educadora, outros intelectuais como Gustavo Lessa, um dos fundadores da Associação Brasileira de Educação em 16 de outubro de 1924 e segmentos da sociedade, “protestantes, espíritas, livres-pensadores e positivistas, todos eles” manifestaram-se contra a presença do ensino religioso no sistema educacional brasileiro. Apesar de manifestações como essas terem sido divulgadas pela imprensa, não obtiveram êxito contra o decreto ministerial.

Nessas circunstâncias, a reforma de Fernando de Azevedo introduzida no Rio de Janeiro em 1928, durante o governo de Washington Luiz, norteada por uma concepção democrática, cujo objetivo era alcançar a *educação universal* tal qual a proposta por John Dewey que defendia a liberdade individual acima de qualquer doutrina do Estado, sucumbiu em meio a uma série de críticas e embates político/ideológicos.

Ainda houve tentativas de diálogos na IV Conferência Nacional de Educação, em 1931, quando Getúlio Vargas, na abertura do referido evento, solicitou a colaboração dos presentes na política educacional de seu governo, com o intuito quem sabe, de minimizar as divergências entre católicos e educadores da Escola Nova, mas em vão.

Nesse contexto ocorreu a publicação de o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” em 19 de março de 1932, por um grupo de intelectuais que reivindicava a reconstrução do sistema educacional brasileiro, à luz de ideias de John Dewey (1859-1952), pensador do pragmatismo norte-americano que influenciou a formação de Anísio Teixeira, um importante intelectual da História da educação brasileira.

Assim, em meio a disputas pelo encaminhamento das políticas do Ministério da Educação e da Saúde no Brasil, os vinte e seis signatários do Manifesto questionavam as formas tradicionais da ação pedagógica presentes no sistema educacional brasileiro, nos moldes oligárquicos, os quais certamente não correspondiam à nova configuração que o Brasil assumia no âmago do capitalismo mundial.

Nesse sentido, os manifestantes elaboraram o seu projeto educacional levando em consideração a articulação entre os aspectos cultural e econômico, pois:

se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade. No entanto, se depois de 43 anos de regime republicano, se der um balanço ao estado atual da educação pública, no Brasil, se verificará que, dissociadas sempre as reformas econômicas e educacionais, que era indispensável entrelaçar e encadear, dirigindo-as no mesmo sentido, todos os nossos esforços, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade, não lograram ainda criar um sistema de organização escolar, à altura das necessidades modernas e das necessidades do país. Tudo fragmentário e desarticulado. A situação atual, criada pela sucessão periódica de reformas parciais e frequentemente arbitrárias, lançadas sem solidez econômica e sem uma visão global do problema, em todos os seus aspectos, nos deixa antes a impressão desoladora de construções isoladas, alguma já em ruína, outras abandonadas em seus alicerces, e as melhores, ainda não em termos de serem despojadas de seus andaimes... (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 2011, p. 465).

Essas fragmentação e desarticulação concorreram favoravelmente para a publicação do Manifesto dos Pioneiros que se debruçou sobre as diretrizes, as finalidades e as concepções de educação, bem como abordou a função do Estado, a função educacional, o processo educativo, o plano de reconstrução educacional, a formação de professores, o papel da escola na vida e a sua função social e, finalmente, a democracia.

No item finalidades da educação foi exposto o entendimento dos pioneiros sobre a relação entre a educação e a concepção de vida, com o intuito de evidenciar que:

A educação nova que, certamente pragmática, se propõe ao fim de servir não aos interesses de classes, mas aos interesses do indivíduo, e que se funda sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social, tem seu ideal condicionado pela vida social atual, mas profundamente humano, de solidariedade, de serviço social e cooperação (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 2011, p. 472).

Sob essa perspectiva, a nova política educacional assentava-se na laicidade, na gratuidade, na obrigatoriedade e na coeducação, princípios compreendidos como uma maneira de favorecer a organização do sistema escolar em consonância com os direitos do indivíduo em todo território nacional, pois:

A **laicidade**, que coloca o ambiente escolar acima de crenças e disputas religiosas, alheia a todo o dogmatismo sectário, subtrai o educando, respeitando-lhe a integridade da personalidade em formação, à pressão perturbadora da escola quando utilizada como instrumento de propaganda de seitas e doutrinas. A **gratuidade** extensiva a todas as instituições oficiais de educação é um princípio igualitário que torna a educação, em qualquer de seus graus, acessível não a uma minoria, por um privilégio econômico, mas a todos os cidadãos que tenham vontade e estejam em condições de recebê-la. Aliás, o Estado não pode tornar o ensino obrigatório, sem torná-lo gratuito. A **obrigatoriedade** que, por falta de escolas, ainda não passou do papel, nem em relação ao ensino primário, e se deve estender progressivamente

até uma idade conciliável com o trabalho produtor, isto é, até aos 18 anos, é mais necessária ainda “na sociedade moderna em que o industrialismo e o desejo de exploração humana sacrificam e violentam a criança e o jovem”, cuja educação é frequentemente impedida ou mutilada pela ignorância dos pais ou responsáveis e pelas contingências econômicas. A **escola unificada** não permite ainda, entre alunos de um e outro sexo outras separações que não sejam as que aconselham suas aptidões psicológicas e profissionais, estabelecendo em todas as instituições “a educação em comum” ou **coeducação**, que, pondo-os no mesmo pé de igualdade e envolvendo todo o processo educacional, torna mais econômica a organização da obra escolar e mais fácil a sua graduação (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 2011, p. 476, com grifos meus).

No tópico “Plano de Reconstrução Nacional”, foram feitas observações sobre a desarticulação existente entre os diferentes graus de ensino, como se eles não fossem etapas de um mesmo processo, o que contribuía para o estabelecimento de “dois sistemas escolares paralelos, fechados em compartimentos estanques e incomunicáveis, diferentes nos seus objetivos culturais e sociais, e, por isso mesmo, instrumentos de estratificação social” (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 2011, p. 482-aspas no original).

No que se refere ao papel da escola na vida e a sua função social, foram observadas as influências da pluralidade e da diversidade das forças que atuam no movimento das sociedades, isto é, diferentes aspectos que atravessam a convivência social. Sob tal percepção, reorganizar a escola, às feições de “um organismo maleável e vivo”, contribuiria para estender os seus limites e o seu raio de ação. Aqui, a colaboração de outras instituições sociais, como a família, os agrupamentos profissionais e a imprensa, bem como a utilização de recursos audiovisuais disponíveis na comunidade poderiam fortalecer a ação educativa e, assim, ela ultrapassaria os muros escolares.

Por fim, em A democracia – um programa de longos deveres, o grupo de signatários reafirmou o compromisso de trabalhar pela reconstrução do sistema educacional brasileiro:

Nós temos uma missão a cumprir; insensíveis à indiferença e à hostilidade, em luta aberta contra preconceitos e prevenções enraizadas, caminharemos progressivamente para o termo de nossa tarefa, sem abandonarmos o terreno das realidades, mas sem perdermos de vista nossos ideais de reconstrução do Brasil, na base de uma educação inteiramente nova. A hora crítica e decisiva que vivemos não nos permite hesitar um momento diante da tremenda tarefa que nos impõe a consciência, cada vez mais viva, da necessidade de nos prepararmos para enfrentarmos com o evangelho da nova geração, a complexidade trágica dos problemas postos pelas sociedades modernas (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 2011, pp. 492-493).

Esse propósito foi reiterado por Cecília Meireles:

[...] Uma obra de educação tentada a altura desse momento, com as diretrizes indispensáveis para um êxito verdadeiro, tem de assentar não apenas no programa que a define, mas no compromisso de honra daqueles que, por ela, empenham, na sua simples assinatura, sua própria vida, como num juramento.

O manifesto que o Dr. Fernando de Azevedo acaba de redigir, pela liderança que lhe conferiu um grupo dedicado, acima de tudo, a construção educacional do Brasil, seria por si só mais um passo a frente na situação em que nos achamos. Mais para frente e para dentro da luz.

Mas os nomes que subscrevem essa definição de atitude são uma garantia de trabalho, de invulnerabilidade, de lucidez e de fé.

Tudo se deve exigir desse grupo, porque ele é o mais preparado, por todos os motivos, para a ação heróica de que depende a formação brasileira.

E eu, que também assino esse manifesto, não sinto nenhum constrangimento escrevendo o que acima escrevo: porque desde logo se vê que é dos outros que estou falando, quando me refiro a mérito e grandeza.

Por mim, só tenho, sem discussão, a consciência da responsabilidade, o desejo da ação e uma confiança perfeita no poder da vontade desinteressada (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 2010, p. 108-109).⁵

Por intermédio dessas palavras, Cecília Meireles expressou a sua posição em prol de uma ação oposta ao ensino discriminatório e antidemocrático vigente que fomentava a desigualdade social no Brasil. Assim, para a escritora, a educação funcionaria como uma ferramenta que poderia contribuir para minimizar os distanciamentos existentes no contexto sócio/político/cultural brasileiro.

Em carta a Fernando de Azevedo, datada de 23 de maio de 1932⁶, Cecília Meireles, como manifestante e jornalista, reconheceu que o entusiasmo pelo debate a favor da renovação educacional proposta pelo Manifesto estava em declínio:

Ando meio triste com essas coisas. O grupo do Manifesto, se quisesse, podia ser uma força invencível. Quererá? Vencer é também obra de paciência e disciplina. Uma bela ideia arde nos ares como as girândolas. Precisamos de um fogo contínuo. Desse fogo humilde mas sustentado com que se espantam as feras e com se mantêm os lares. De um fogo que canse, que às vezes chegue a dar tédio – mas que seja a nossa vigilância, que exprima a nossa solidariedade, a reunião dos nossos esforços, a fórmula do nosso pensamento comum.

Quando penso no grupo do Manifesto, imagino muitas vitórias a ganhar. Mas esta dissolução em que vejo caírem todos os grupos e partidos, esta ausência de continuidade nas iniciativas, esta desagregação dos elementos que uma única intenção reuniu e que se deviam manter fiéis até o fim – tudo isso me desilude e impressiona. Não sei como se possa viver sem um sonho grande, e sem a disposição heróica de o servir. Não sei como se possa ser criatura humana sem uma aspiração para feitos maiores, e o gosto de aventura do espírito, e essa tentação do perigo em que a gente se experimenta, pela inquietação de ganhar, ainda que, certamente, com a possibilidade também de se perder. Faz-me mal ver a vida sem brilho, sem esperanças, sem glórias e sem desastres. Pensar que houve uma Revolução e continuamos assim...

⁵ Esse texto encontra-se no *Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores (1959)*. Apêndices.

⁶ Essa correspondência encontra-se disponível em LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na revolução de 30*. Anexo II.

A melancolia da cronista revelada nesse excerto exprime a sua desilusão frente às dificuldades que ela e outros intelectuais de sua geração encontraram para dar continuidade ao projeto educacional que visava à construção de um Brasil moderno, pois:

Os signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova estavam dispersos: Anísio Teixeira, recolhido ao interior da Bahia, onde se exilou, por longo tempo; Edgar Sússekind de Mendonça afastado do serviço público, em função do processo do qual tinha sido vítima; [...] Paschoal Lemme e Hermes Lima, presos e aguardando julgamento. O período das grandes realizações conjuntas tinha desaparecido (MIGNOT, 2010, p. 85).

Valéria Lamego (1996, p. 97), no item *A vitória dos curas e a despedida*, mencionou o enfraquecimento do grupo do Manifesto ao situar as lutas de intelectuais, de movimentos sociais, no período 1931-1932, contra o ensino religioso e os desmandos de Getúlio Vargas e seus colaboradores. Nesse clima, Cecília Meireles despediu-se do Jornal “Diário de Notícias”. Para Lamego “Não há provas de que Cecília Meireles tenha sido pressionada a deixar a *Página* por motivos políticos, ainda que essa hipótese não seja de todo desarrazoada” (LAMEGO, 1996, p. 109).

Sobre a experiência vivida na “Página de Educação”, Cecília Meireles declarou em sua última crônica denominada *Despedida* publicada em 12.01.1933:

Esta Página foi, durante três anos, um sonho obstinado, intransigente, inflexível da construção de um mundo melhor, pela formação mais adequada da humanidade que o habita.

Diz uma das nossas autoridades no assunto que isto de ser educador tem, evidentemente, a sua parte de loucura.

Mas além do sonho, esta Página foi também uma realidade enérgica, que muitas vezes, para sustentar sua justiça, teve de ser impiedosa e pela força de sua pureza pode ter parecido cruel.

O passado não é assim tão passado porque dele nasce o presente com que se faz o futuro. O que esta Página sonhou e realizou, pouco ou muito, cada leitor o sabe, teve sempre, como silenciosa aspiração, ir *além*. O sonho e a ação que se fixam acabam: como o homem que se contenta com o que é, e eterniza esse seu retrato na morte.

Assim, este último “Comentário” de uma série tão longa em que andaram sempre juntos um pensamento arrebatado e vigilante; um coração disposto ao sacrifício; uma coragem completa para todas as iniciativas justas, por mais difíceis e perigosas – este “Comentário” não termina terminando.

Ele deixa em cada leitor a esperança de uma colaboração que continue. Neste sucessivo morrer e renascer que a atividade jornalística, diariamente, e mais do que nenhuma outra, ensina, há bem nítida a noção da esperança que, através de mortes e ressurreições, caminha para o destino que a vida sugere e impõe (MEIRELES, 2001, p. 321-322).

Para Karla Renata Mendes e Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (2009, p. 127), por meio de um jornalismo político, Cecília Meireles manteve-se engajada com os acontecimentos de seu tempo, dirigindo suas severas críticas ao governo de Getúlio Vargas, denominado pela escritora de *Sr. Ditador*, principalmente pelo caráter opressor que o governo provisório imprimiu à educação nacional.

É importante frisar que as dificuldades enfrentadas pela escola para conduzir as novas ideias pedagógicas, a situação do educador que demonstrava interesse em colocar em prática as orientações advindas do novo programa educativo e a atuação de determinados diretores, não escaparam da visão crítica da jornalista.

Mediante essa situação, na análise de Luzia Batista de Oliveira Silva (2008), Cecília Meireles compreendia a necessidade urgente de mudanças na educação brasileira, por isso “pediu, exigiu e cobrou educação de qualidade, educação ética e estética, pediu pela criação de institutos de cultura e de pesquisa que atendessem, em especial, a formação do educador” (SILVA 2008, p. 6).

Ana Chrystina Venancio Mignot (2001), ao comentar o ofício jornalístico de Cecília Meireles, destacou que a cronista:

Havia exercido o ofício de jornalista com paixão e compromisso, acreditando estar contribuindo para a construção de um mundo melhor. [...] Concluía uma etapa de sua trajetória, convencida de que escrevera não só para inscrever seu desencanto, mas também para despertar e cultivar sonhos.

Deixaria o espaço privilegiado do debate que se acirrou entre católicos e pioneiros, em meio ao irremediável aprofundamento das divergências sobre os valores que a escola deveria defender. Não estava mais na Página da Educação para criticar, denunciar, interferir no debate constituinte, quando os diferentes intérpretes da causa educacional, ao longo desse debate, posicionaram-se ideologicamente, cada vez mais, em lados opostos e alguns pioneiros, a partir de 1935, sofreram as consequências de suas opções (MIGNOT, 2001, pp. 167-168).

Aqui, convém lembrar o *Manifesto da Nova Educação*, crônica publicada em 10.07.1932, onde Cecília Meireles escreveu:

O Manifesto da Nova Educação vai aparecer, dentro de breves dias, numa edição limitada, que o deverá fixar melhor na atenção dos que na verdade se preocupam com a situação do Brasil. Para essa edição, Fernando de Azevedo escreveu um prólogo que é uma nova luz, mais forte e clara, sobre a questão. Resta que os educadores se animem a uma atitude decidida, num convívio eficiente, e que as energias sinceras convirjam para esse campo de atividade proveitosa que é o campo da educação (MEIRELES, 2003, pp. 281-282).

Com essas palavras, Cecília Meireles, como educadora, concebeu o “Manifesto” como um porta-voz daqueles que pretendiam a democratização do ensino, com a valorização do que pertencesse à esfera humanística, como uma forma de atenuar as desigualdades do sistema capitalista. E como jornalista, ao dirigir a “Página de Educação”, Cecília Meireles elevou essa seção à condição de uma verdadeira *arma de combate diária* ao interferir “na política cultural, conferindo visibilidade à questão educacional na medida em que contribuiu para a produção e difusão de uma nova maneira de pensar os seus principais problemas” (MIGNOT, 2001, p. 151).

Considerações Finais

Por meio de a “Página de Educação” e de o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, Cecília Meireles registrou a sua luta a favor de uma modernização no cenário educacional, como uma forma de diminuir as diferenças sociais existentes no país e assim, proporcionar condições de uma vida melhor para o cidadão brasileiro. Desse modo, fica a compreensão de que Cecília Meireles, na condição de educadora e jornalista soube utilizar a potência das palavras para dirigir-se a um público que se encontrava fora dos muros da escola e que, precisava tomar conhecimento de suas ideias pedagógicas, na condição de manifestante, de pioneira, em prol de mudanças no campo da educação brasileira onde à escola caberia tanto a função educativa quanto a social.

Referências

LAMEGO, Valéria. **A farpa na lira: Cecília meireles na revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. A combatente: educação e jornalismo. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília meireles**. São Paulo: Humanitas, 2007, pp. 217-226.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. A poesia no mundo: educando educadores. In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Org.). **Cecília meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Loyola, 2001, pp. 133-147.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves e ARAÚJO José Carlos Souza (Org.). **Reformas educacionais: as manifestações da escola nova no Brasil (1920 e 1946)**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2011, pp. 465-494.

MEIRELES, Cecília. Pedagogia de ministro. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarantes. (Org.). **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 2, pp. 161-163.

_____. Despedida. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarantes. (Org.). **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 4, pp. 321-322.

_____. Como se originam as guerras religiosas. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarantes. (Org.). **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 3, pp.15-17.

_____. Manifesto da nova educação. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarantes. (Org.). **Melhores crônicas: Cecília meireles**. São Paulo: Global, 2003, pp. 280-282.

_____. Jornalismo e educação. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarantes. (Org.). **Melhores crônicas: Cecília meireles**. São Paulo: Global, 2003, pp. 298-300.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Antes da despedida: editando um debate. In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Org.). **Cecília meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Loyola, 2001, pp.149-171.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. Educação e política nos anos 30: a presença de Francisco campos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 73, n. 17-4, PP. 291-321, maio/ago, 1992. Disponível em <www.emaberto.inep.gov.br/RBEP/article/view/452/457>. Acesso em 20 abr. 2013.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **Cecília Meireles**: para além dos muros das escolas e das cidades. Disponível em: <<http://www.unimep.br/~20silva/cecilia-meireles>>. Acesso em 04 set. 2010.

Recebido em setembro de 2013
Aprovado em janeiro de 2014